

A política de internacionalização da educação superior vista pelos protagonistas: a perspectiva dos docentes

Mateus Santos Souza - UNEB

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender como acadêmicos, de distintos contextos, entendem os processos de internacionalização e quais competências consideram fundamentais para atuação no contexto universitário. Para tanto, se produziu uma pesquisa, de estudo de caso múltiplos, em duas instituições de Educação Superior – uma no contexto francês e outra no contexto brasileiro. Para tanto, se realizou 08 entrevistas, com docentes de ambos os contextos e se produziu uma análise seguindo os critérios da Análise Textual Discursiva (ATD). Os resultados do estudo de caso brasileiro apontam para um domínio dos entrevistados em relação ao tema da internacionalização, dissertam sobre suas possibilidades, mas principalmente sobre os desafios impostos à realidade brasileira. No contexto francês, observou-se o domínio dos acadêmicos sobre o tema da internacionalização, mas seu foco em questões como mobilidade estudantil demonstra como as realidades nacionais e institucionais impactam nas percepções sobre o internacionalizar. Aponta-se que, apesar das diferenças existentes entre as análises de ambos os contextos, é possível observar a convergência de importância das competências de aprender a ser e conviver para todos os acadêmicos.

Palavras Chaves: Docência; Política de Internacionalização; Educação superior.

Introdução

A tendência da internacionalização da Educação Superior emergiu como um tema central nos estudos educacionais nas últimas décadas. A implementação desta abordagem em instituições e políticas públicas, tanto global quanto regionalmente, afeta significativamente a atuação de docentes e pesquisadores. Além disso, torna-se um fator crucial na avaliação dos programas de pós-graduação no cenário brasileiro.

O conceito de internacionalização apresenta diversas facetas, o que significa que as Instituições de Ensino Superior (IES) não devem adotá-lo de forma mecânica. A internacionalização é um meio para alcançar um objetivo particular, portanto cada instituição precisa compreender quais as necessidades e objetivos específicos devem ser cumpridos através da perspectiva internacional em seus currículos e pesquisas.

Uma definição clássica do conceito foi proposta por Knight (2012), que afirmou que a internacionalização é o processo de integração de uma perspectiva internacional, intercultural e/ou global aos objetivos, funções e implementações da educação superior.

De Wit (2015), em um estudo financiado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para o Parlamento Europeu, complementa essa visão, enfatizando que o propósito da internacionalização é elevar a qualidade do ensino e da pesquisa para todos os membros da comunidade acadêmica – discentes, docentes e *staff* acadêmicos, contribuindo significativamente para a sociedade.

Assim, a perspectiva de internacionalização é compreendida como um processo de integração que considera não apenas aspectos globais, mas também características culturais locais e regionais – interculturais. Desse modo, é preciso superar a ideia equivocada de que a internacionalização se limita apenas a questões externas e à mobilidade estudantil. Conseqüentemente, é necessário adotar novas formas de ensinar e avaliar esse processo.

Conforme Morosini e Branzelli (2017), o conceito de internacionalização é considerado um guarda-chuva que deve ser compreendido dentro de um amplo espectro de perspectivas, incluindo a internacionalização por meio da mobilidade acadêmica, a internacionalização no campus, a internacionalização em casa (IaH), a internacionalização abrangente e a perspectiva de internacionalização do currículo (IoC).

Conforme mencionado anteriormente, os estudos relacionados à internacionalização na Educação Superior têm aumentado nas últimas décadas, exigindo a criação de novos modelos e abordagens para a internacionalização. Nesse contexto, destaca-se a perspectiva da internacionalização do Currículo (IoC), que tem ganhado força no Brasil. A IoC refere-se a estratégias específicas de internacionalização e, em nossa visão, pode ser uma resposta às demandas e objetivos de regiões que, por razões históricas, estão passando por um processo de consolidação da Educação Superior na contemporaneidade.

De acordo com Leask (2009), a Internacionalização do Currículo (IoC) é a integração de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais nos conteúdos curriculares, bem como nos resultados da aprendizagem, avaliações, métodos de ensino e programas de apoio ao estudo. Robson (2015) destaca que a IoC vai além de uma simples reforma curricular ou práticas de ensino inovadoras, pois busca promover a adoção de valores e habilidades associados à cidadania global. Assim, um ensino que seja culturalmente responsável, com práticas reflexivas (WALSH e MANN, 2017), pode ajudar estudantes nacionais e internacionais a interagirem e desenvolverem uma noção de responsabilidade consigo mesmos e com os outros.

Juntamente com a perspectiva de IoC, existe a noção de Internacionalização em casa (IaH). Esta abordagem não se concentra apenas nos alunos que podem participar da mobilidade, mas também nos estudantes locais. Beelen e Jones (2015) definem a IaH como “a integração proposital de dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal para todos os alunos em ambientes domésticos de aprendizagem”, (2018, p. 79). (tradução nossa).

Ou seja, a abordagem de IaH tem como objetivo promover o desenvolvimento de competências interculturais por meio de um currículo (formal e não formal) internacionalizado que leve em consideração as características culturais e linguísticas locais e regionais. O foco principal da IaH é nos estudantes locais que não têm a possibilidade de realizar mobilidade acadêmica.

Segundo Lima e Contel (2011), a implementação de uma agenda de Internacionalização em Casa exige uma mudança na postura institucional, que deve compreender de forma qualitativa o processo de internacionalização. Os autores destacam que tanto a IoC quanto a IaH estão relacionadas a três dimensões: Organizacional, Curricular e Individual, enfatizando que a IoC não pode ser implementada de forma isolada. Portanto, é crucial compreender como esse processo está ocorrendo em diferentes instituições, a fim de pensar em soluções compartilhadas para a resolução de problemas em sua implementação.

Essas perspectivas de internacionalização não podem ser implementadas de forma generalizada em toda instituição, pois requer tempo e cuidado na sua construção. A adoção de estratégias de IoC e IaH dependem de um conjunto de atores,

Ao considerar o estudo teórico no campo da internacionalização da Educação Superior, é salutar pensar que a adoção de estratégias de IoC e IaH não podem ser implementadas de forma generalizada em toda instituição, pois requer tempo e cuidado na sua construção, dependem de um conjunto de atores, envolvidos no processo, especialmente os docentes, que devem demonstrar boa vontade e clareza nos objetivos para o sucesso do processo, bem como estar engajados com toda a proposta em si. Portanto, os docentes precisam repensar suas práticas pedagógicas e desenvolver habilidades distintas para atender às demandas dos novos contextos educacionais.

Torna-se relevante compreender: o que os docentes entendem por internacionalização? Como estabelecem relações com parceiros nacionais e internacionais? Quais elementos de internacionalização incorporam em sala de aula? Como esses elementos se relacionam com a perspectiva de extensão e qual o suporte

institucional recebem? Além disso, é fundamental analisar como os docentes estabelecem relações com as secretarias e escritórios de internacionalização.

Nesta pesquisa, dentro dessa gama de questionamentos, tem o objetivo de compreender como acadêmicos de diferentes contextos compreendem os processos de internacionalização e o que consideram fundamentais para atuar em um ambiente universitário internacionalizado.

Para atender a esse objetivo, optou-se por realizar um estudo de caso múltiplo. Foram selecionadas para estudo uma instituição do Global Sul e outra do Global Norte. A escolha dessas regiões foi intencional, pois enquanto no Norte é possível observar a consolidação dos processos de internacionalização, no Sul vivencia-se uma situação de construção e desenvolvimento desses processos (LEAL, 2020), o que muitas vezes leva à tendência de tentar copiar estrangeiros.

Para a análise brasileira, foi selecionada uma instituição localizada na região Nordeste do país. A instituição em questão é uma IES pública, estadual, com estrutura *multicampi* e está buscando o processo de institucionalização da política de internacionalização em sua estrutura de ensino. A instituição possui uma Secretaria de Relações Internacional que mantém acordos de cooperação com instituições do Global Norte. A escolha dessa instituição foi intencional, uma vez que seus acadêmicos estão participando e vivenciando o processo de institucionalização da internacionalização na prática.

A instituição selecionada no Global Norte, especialmente na França, foi escolhida por estar promovendo debates e discussões sobre internacionalização em seu contexto. A França foi escolhida como país de análise por ter cinco de suas instituições de Educação Superior nas melhores posições dos rankings internacionais de avaliação. Além disso, acadêmicos desta instituição participaram de debates e discussões no Brasil, por meio do British Council em parceria com a Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), realizada em sua conferência anual de 2023. A instituição em contexto, é pública e foi fundada no século XX, como ampla tradição em ensino e pesquisa. A universidade está presente, e bem classificada, em diversos rankings internacionais de avaliação da Educação Superior e faz parte do Grupo Coimbra e Grupo Grenoble, associações das maiores e melhores universidades europeias e francesas, respectivamente, com forte presença em pesquisas em todo o mundo. Em outras palavras, a instituição está em processo avançado de consolidação de internacionalização.

Este trabalho é caracterizado como uma pesquisa básica, qualitativa e exploratória, com uma amostra não probabilística. Para responder ao objetivo da pesquisa, foram conduzidas entrevistas com acadêmicos em ambos os contextos, seguindo os mesmos protocolos de entrevista e buscando entender as suas competências individualmente, para posteriormente cruzar as respostas.

Para a análise do material coletado, utilizou-se a metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD), que é uma abordagem qualitativa de pesquisa. O objetivo da ATD não é testar hipóteses, mas sim compreender e reconstruir o conhecimento sobre os temas investigados, aprofundando a interpretação dos discursos. Segundo os autores Moraes e Galliazzi (2016), “a Análise Textual Discursiva é um mergulho nos processos discursivos, visando atingir compreensões reconstruídas dos discursos, conduzindo a comunicação do aprendido e, desta forma, assumindo o pesquisador como sujeito histórico capaz de participar na interpretação e na constituição de novos discursos” (p. 133-134, grifo nosso).

A relevância do trabalho reside em aprimorar a compreensão dos impactos decorrentes do aumento do estímulo às parcerias internacionais no âmbito da pesquisa, considerando a carência de estudos que abordem lacunas nas interconexões dos processos de internacionalização. A abordagem de investigar a interação entre ensino, pesquisa e comunidade surge da necessidade de modificar a lógica da pesquisa, que historicamente se concentra exclusivamente na produção científica (como artigos e o impacto em rankings), visando uma aproximação mais estreita com o ensino e a comunidade.

Considerando o papel crucial dos docentes universitários como protagonistas e participantes dos processos de internacionalização, contribuindo com as pesquisas que relacionam a internacionalização ao ensino, pesquisa e extensão. Através da voz de *players* importantes nesses processos, busca-se refletir sobre as competências fundamentais para sua atuação no ambiente universitário. Além disso, tem como objetivo incentivar os docentes a refletirem sobre o impacto desses processos em sua formação contínua e atuação na universidade.

O Papel dos docentes no processo de internacionalização das IES

A abordagem do conceito de internacionalização é multifacetada. Conforme destacado por Knight (2007), essa terminologia tem sido empregada ao longo dos

séculos em campos como ciência política e relações internacionais. Contudo, a partir da década de 1980, a perspectiva ganha proeminência no âmbito dos estudos educacionais. A busca por uma definição única para o termo torna-se inviável devido à sua abrangência, que envolve diferentes níveis de políticas (nacionais, setoriais e institucionais), diversos países, culturas e condições educacionais distintas (Knight, 2007). Assim, o objetivo não é estabelecer uma definição universal, mas assegurar que o conceito abranja uma ampla variedade de países e contextos diversos. Conforme destaca Knight (2007), "a internacionalização nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e/ou global com os propósitos, funções e implementação da educação em nível superior" (grifo nosso).

Conforme a análise de Robson (2015), a internacionalização está emergindo como uma prioridade estratégica para muitas universidades globalmente, percebida como um meio de aprimorar a qualidade da Educação Superior através de parcerias estratégicas e colaboração em pesquisa e produção de conhecimento. Contudo, a autora alerta que, embora essas estratégias de internacionalização tenham se concentrado predominantemente na mobilidade de estudantes para aprimorar suas perspectivas internacionais e competências interculturais, para que as universidades alcancem uma verdadeira dimensão 'internacional', é imperativo iniciar esse processo no ambiente local. Isso implica em revisar as práticas de internacionalização e envolver mais educadores, estudantes e líderes, orientando-se em direção a valores fundamentais e a uma abordagem ética para a internacionalização.

A dinâmica que impulsiona o processo de internacionalização muitas vezes tem início de forma informal e não planejada, originando-se por meio de contatos ocasionais entre docentes/pesquisadores em eventos científicos ou nas relações estabelecidas nas redes de pesquisa. A partir desses contatos iniciais, identificam convergências de natureza científica que os conduzem a participar de projetos de pesquisa em cooperação.

Nesse estágio, torna-se crucial buscar uma forma de institucionalização. Contudo, o processo de internacionalização das instituições demanda uma fase de institucionalização das relações de pesquisa interinstitucionais, a fim de organizar, catalogar e socializar as atividades relacionadas à internacionalização. Isso visa evitar que tais parcerias permaneçam na informalidade e passem a contar com o respaldo e suporte institucional.

Entendemos como fundamental a existência de motivações claras e alinhadas previamente ao início de um processo de internacionalização. Essas motivações constituem a força motriz do interesse de uma instituição, país ou região (ou qualquer outro agente) em se envolver na internacionalização e investir nela, conforme defendido por Knight (2012). No entanto, é crucial que essas razões possam refletir as políticas e os programas que serão desenvolvidos ao longo do processo de internacionalização. Para tanto, precisam delinear os benefícios ou resultados esperados, pois, sem objetivos claros e alcançáveis, planos de implementação, políticas de ação, valores, metas e sistemas de acompanhamento e avaliação, o processo de internacionalização pode não resultar em sucesso.

Nesse sentido, advogo pela necessidade de as universidades estabelecerem uma cultura de institucionalização das relações de pesquisa, envolvendo pesquisadores (docentes ou discentes) de outras instituições, por meio de procedimentos iniciais e uma estrutura de apoio institucional dedicada à internacionalização. Isso visa formalizar parcerias científicas iniciais para que possam evoluir, no futuro, para acordos ou convênios de cooperação interinstitucional.

De maneira geral, a literatura aborda a questão da internacionalização nas universidades predominantemente do ponto de vista institucional. Embora a instituição seja central nesse processo, os docentes também desempenham um papel relevante, influenciando-o tanto de forma direta quanto indireta. Indiretamente, os docentes têm a capacidade de estimular, incentivar e aconselhar os estudantes em relação ao desenvolvimento de carreiras internacionais. Além disso, podem moldar currículos, programas e cursos de acordo com as exigências de um ambiente acadêmico que passou por alterações significativas nas últimas duas décadas (MIURA, 2006).

Os docentes também exercem uma influência mais direta no processo de internacionalização, mesmo que uma Instituição de Ensino Superior (IES) conte com políticas e estratégias bem-definidas. A concretização da internacionalização de uma IES depende, em grande medida, das ações. A efetividade dos acordos acadêmicos, considerados indicadores do grau de internacionalização de uma universidade, está intrinsecamente vinculada às redes de relacionamentos dos docentes, uma dimensão frequentemente negligenciada na literatura. Ao analisar o papel do docente nesse processo, a discussão prioriza, em sua maioria, o papel indireto, ou seja, como as ações internas dos docentes contribuem para a internacionalização da instituição.

Alguns autores ressaltam a importância dos atores no processo de internacionalização da educação superior. Entre eles, Leask (2013) destaca o papel crucial do professor na internacionalização do currículo. Neste contexto, Miura (2006) apresenta algumas práticas exemplares, incluindo: conhecimento e compreensão das pesquisas sobre como os estudantes aprendem e suas implicações para o ensino; familiaridade com estratégias de ensino variadas para atender às necessidades específicas de aprendizagem; elaboração de um plano de ensino sequencial baseado no entendimento das formas de aprendizado do estudante, do conteúdo e de estratégias eficazes; e implementação de estratégias para promover a participação e o engajamento dos estudantes nas atividades em sala de aula.

Perspectivas Entrelaçadas: As Visões de Acadêmicos Brasileiros e Francês sobre os Processos de Internacionalização na Educação Superior.

Para realizar esta análise, adotou-se a perspectiva dos Estudos de Casos Múltiplos, conforme proposto por Yin (2005). Após a seleção, preparação, coleta e análise dos casos, foram elaborados relatórios individuais. Apesar de se tratar de um estudo de casos múltiplos, no qual foram avaliados apenas dois casos institucionais provenientes de diferentes contextos, é possível identificar, por meio de uma leitura conjunta das análises, diversas convergências entre os processos de internacionalização e as competências dos acadêmicos entrevistados.

A primeira análise, que aborda as noções de internacionalização, revela avanços no campo teórico e na sua relação com os atores que inserem os processos no contexto prático. É evidente que os acadêmicos entrevistados discutem a internacionalização com base em seus contextos nacionais, institucionais e experiências individuais. No cenário brasileiro, identificam-se reflexões que abordam a internacionalização de maneira abrangente, com diversas perspectivas e concepções de modelos. No contexto britânico, observam-se também múltiplas perspectivas, com destaque para a ênfase dos acadêmicos em aspectos de mobilidade, dado que essa é a realidade que vivenciam em suas instituições.

Observa-se uma convergência de perspectivas nas respostas relacionadas às possibilidades da internacionalização. Aspectos como aprendizado com outras culturas e contextos, formação e fortalecimento da comunidade acadêmica, bem como a troca de conhecimentos, são recorrentes. Destaca-se a conexão desses temas com as políticas nacionais e internacionais de avaliação, uma vez que os acadêmicos mencionam os

processos de internacionalização como impulsionadores de melhores posições em rankings avaliativos. Morosini e Dalla Corte (2021) explicam que os rankings internacionais, apesar de apresentarem indicadores de avaliação distintos, tendem a utilizar os critérios de internacionalização das instituições como um fator qualificativo para as Instituições de Ensino Superior (IES).

No tocante a classificações e rankings, o documento intitulado "Repensar a Educação: Rumo a um Bem Comum Mundial?" (UNESCO, 2016) enfatiza que essas práticas têm emergido como uma tendência na Internacionalização da Educação Superior, refletindo um interesse crescente na avaliação comparativa da qualidade das instituições. O texto destaca aspectos positivos dessas classificações, apontando para a utilidade de fornecer informações às necessidades da sociedade e dos potenciais ingressantes nas instituições, promovendo, ao mesmo tempo, transparência e responsabilização institucional. No entanto, o documento também formula críticas, indicando que os rankings têm o potencial de desviar a atenção das universidades do ensino e da responsabilidade social, direcionando-as para tipos específicos de pesquisas científicas valorizadas pelos indicadores utilizados em processos de classificação (UNESCO, 2016, p.57).

O texto também expressa uma inquietação quanto à possibilidade de homogeneização da Educação. Ao estabelecer um conjunto de indicadores para avaliação, existe o risco de impulsionar mudanças institucionais que atendam exclusivamente às exigências dos avaliadores, resultando em instituições uniformizadas conforme padrões internacionais e menos pertinentes ao seu contexto local. Nesse sentido, destaca-se a relevância de perspectivas como a Ioc (Internacionalização do Currículo) e IaH (Internacionalização em Casa), uma vez que ambas advogam pela construção de pontes entre aspectos e necessidades locais e o cenário global.

Quanto aos desafios enfrentados, quatro pontos de convergência são identificados: (1) a dificuldade na integração efetiva entre elementos globais e locais, evidenciando a necessidade de abordar a internacionalização com um equilíbrio entre ambas as perspectivas, evitando a supressão do contexto local em prol do internacional. Além disso, destaca-se a preocupação dos acadêmicos em relação à (2) falta de alinhamento entre os escritórios internacionais e as atividades conduzidas pelos acadêmicos, resultando em uma distinção entre o que é efetivamente realizado na (3) prática e o discurso proclamado acerca da internacionalização institucional. Por último,

são apresentadas questões relacionadas às (4) barreiras linguísticas que podem comprometer a comunicação entre os indivíduos.

Na esfera dos desafios, é perceptível que as divergências institucionais e nacionais emergem nas declarações dos acadêmicos. No contexto brasileiro, por exemplo, destaca-se a inquietação em relação aos critérios de avaliação das instituições, uma vez que estes determinam o acesso a recursos provenientes de editais públicos e podem gerar a percepção equivocada de que a adoção de modelos estrangeiros é imperativa para impulsionar a internacionalização. Essa preocupação não se manifesta no cenário britânico, possivelmente devido aos acadêmicos estarem vinculados a uma instituição renomada no Norte Global, integrando uma IES que orienta modelos de internacionalização, não compartilhando, portanto, das mesmas experiências que as instituições situadas no Sul Global. Além disso, há também uma apreensão entre os acadêmicos brasileiros acerca da possibilidade de a internacionalização se voltar exclusivamente para a mercantilização da Educação Superior.

Conforme indicado pela UNESCO (2016), um dos desafios preeminentes enfrentados pela Educação Superior na contemporaneidade reside na necessidade de conciliar a demanda global por qualificação profissional com a preservação de seu papel fundamental na formação através da pesquisa. A instituição destaca que o contrato social estabelecido entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e a sociedade requer uma revisão considerando o contexto da globalização e o modelo de universidade almejado para o futuro.

Considerações Finais

Para atingir o objetivo geral desta pesquisa, que consiste em compreender as perspectivas de acadêmicos provenientes de duas instituições distintas, uma do Global Norte e outra do Global Sul, sobre competências e internacionalização, foram analisadas as concepções de 08 professores/pesquisadores que participaram de entrevistas para este estudo. Utilizando a metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galliazi (2016), as entrevistas foram categorizadas em quatro eixos analíticos: (1) perspectivas dos acadêmicos sobre internacionalização; (2) o envolvimento dos acadêmicos em redes de pesquisa; (3) o ensino em ambientes de sala de aula diversificados; e (4) a extensão e sua relação com os processos de internacionalização.

O aprofundamento na compreensão das opiniões de professores/pesquisadores sobre os temas em questão revelou-se crucial. No estágio inicial desta pesquisa, a

hipótese inicial sugería una falta de clareza nas perspectivas de internacionalização em ambos os contextos, o que poderia prejudicar a abordagem eficaz do tema e a formulação de alternativas para uma internacionalização efetiva. Entretanto, essa perspectiva foi revista após a análise das entrevistas. As narrativas dos acadêmicos evidenciam como políticas públicas, diretrizes institucionais, contextos históricos dos sistemas de Educação Superior, a atual situação pandêmica, construções individuais e coletivas influenciam diretamente a implementação de distintos processos de internacionalização. Além disso, os resultados ressaltam a importância de competências diversas em cada contexto e realidade examinados.

Ao finalizar a leitura dos dados, observou-se que a intensificação das discussões sobre os processos de internacionalização no Brasil e a noção de extensão universitária no Reino Unido são fenômenos paralelos que remontam ao início da década de 1990. É interessante considerar que podemos não apenas aprender com modelos e práticas de internacionalização implementados no exterior, mas também contribuir para o entendimento sobre a organização e modelos de universidade.

A internacionalização da Educação Superior emerge como um elemento crucial para o desenvolvimento humano sustentável, uma vez que as competências de aprender a ser e conviver assumem um papel central para os acadêmicos envolvidos nesses processos.

Sem dúvida, pesquisas adicionais serão essenciais para embasar a compreensão da internacionalização na perspectiva de protagonistas em potenciais. Parece que essa abordagem pode se apresentar como uma rota alternativa, pautada pelo compartilhamento de conhecimento, respeito mútuo e humanização do processo de globalização.

REFERÊNCIAS

- Baranzeli, C. & Morosini, M. C. (2017). Estado de Conhecimento e Internacionalização da Educação Superior: um levantamento dos trabalhos que abordam a temática da internacionalização em casa. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR*, Santa Maria. Anais [...]. Santa Maria: UFSM. p. 1681-1695.
- Beelen, J. & Jones, E. (2015). Redefining internationalization at home. In: CURAJ, A. et al. (ed.). *The European higher education area: between critical reflections and future policies*. Dordrecht: Springer. p. 67-80.
- De wit, H. (2015). *Internationalization of higher education: Study*. Brussels: European Union: European Parliament Committee on Culture and Education.
- Knight, J. (2007). *Internationalization Brings Important Benefits as Well as Risks*. International Higher Education, 8-10. 87.
- Knight, J. (2012). Concepts, rationales, and interpretive frameworks in the internationalization of higher education. In: *DEARDORFF, D. K. et al. (ed.). The SAGE handbook of international higher education*. London: Sage, cap. 2.
- Leal, F. G. (2020). *Bases Epistemológicas dos Discursos Dominantes de 'Internacionalização Da Educação Superior' no Brasil*. 2020. [Tese (Doutorado em Administração), 320p. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Administração Socioeconômicas – ESAG, Programa de Pós-Graduação em Administração], Florianópolis.
- Leask, B. (2009). *Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students*. Journal of Studies in International Education, [s. 1.], v. 13, n. 2, p. 205-221.
- Lima, M. C. & Contel, F. B. (2011). *Internacionalização da Educação Superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento*. São Paulo: Alameda.
- Moraes, R. & Galiuzzi, M. C. (2016). Análise Textual Discursiva. Ijuí: Unijuí.
- Morosini, M.C. & Dalla corte, M.G. (2021) Internacionalização da Educação Superior. In: *MOROSINI, M.C (Org.). Enciclopédia Brasileira de Educação Superior – EBES*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Miura, I. K. (2006). *O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas de conhecimento*. [Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto]. Ribeirão Preto.
- Robson, Sue. (2020). *Internationalization at home: internationalizing the university experience of staff and students*. Educação, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 368-374, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2ZoOF5z>.
- Unesco. (2016) *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília, DF: Unesco.
- Walsh, S. & Mann, S. (2015). Doing reflective practice: a data-led way forward. *ELT Journal*, Oxford, v. 69, n. 4, p. 351-362.
- Yin; R. K. (2005). Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman.